RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Sábado, 21 de Novembro de 2026

Personalidades Negras que Moldaram a História de Mato Grosso: Legado e Resistência

Historiador resgata trajetórias de figuras afro-brasileiras que marcaram a formação do estado no Dia da Consciência Negra

A formação de Mato Grosso é indissociável da contribuição de lideranças negras que deixaram marcas profundas na identidade regional. Personalidades como Tereza de Benguela, Mãe Bonifácia, Jejé de Oyá e Zé Bolo Flô integram o patrimônio histórico e cultural do estado, embora frequentemente negligenciadas pela historiografia tradicional. Nesta sexta-feira (20), celebra-se o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, oportunidade para reconhecer a luta contra o racismo e valorizar a herança afro-brasileira mato-grossense.

Dados do Censo 2022 do IBGE demonstram a predominância demográfica da população negra: dos 3,66 milhões de habitantes do estado, 2,05 milhões declaram-se pardos e 360 mil pretos, totalizando 65,9% da população. Apesar dessa expressiva maioria, muitas dessas figuras históricas permaneceram invisibilizadas por uma historiografia eurocêntrica, conforme aponta Bruno Pinheiro Rodrigues, historiador e professor da Universidade Federal de Mato Grosso.

A presença afro-brasileira em Mato Grosso remonta ao século 18, período de fundação das primeiras vilas. Cuiabá foi estabelecida em 1719, seguida por Vila Bela da Santíssima Trindade em 1752. Essa ocupação acompanhou o padrão nacional: o Brasil recebeu o maior contingente de africanos escravizados nas Américas. A sociedade mato-grossense construiu-se alicerçada no trabalho escravo, com africanos trazidos por rotas fluviais conectadas ao litoral, especialmente através do Valongo no Rio de Janeiro. Registros censitários da época indicam que pretos, escravizados ou libertos, representavam entre 30% e 50% da população.

Tereza de Benguela: A Rainha do Quariterê

Tereza de Benguela figura como a mais notória liderança negra mato-grossense. Governou o Quilombo do Quariterê, o maior de Mato Grosso localizado no Vale do Guaporé próximo a Vila Bela, por aproximadamente duas décadas após herdar o comando de seu marido José Piolho. A comunidade reunia africanos e indígenas que subsistiam da agricultura e produção algodoeira, funcionando sob estrutura semelhante à de um reino, com Tereza exercendo autoridade de rainha assessorada por conselheiros e força armada própria.

Em 1770, tropas coloniais devastaram o quilombo e capturaram Tereza. Registros históricos indicam que ela recusou alimentar-se após a prisão, preferindo morrer a retornar à escravidão. Desde 2014, seu legado é celebrado em 25 de julho como Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, homenageado através de produções artísticas como sambas-enredo, poesias e composições musicais.

Mãe Bonifácia: Curadora e Refúgio

A memória oral preserva Mãe Bonifácia como curandeira que cuidava de feridos e enfermos, também acolhendo fugitivos da escravidão na região onde atualmente funciona um parque estadual cuiabano no bairro Duque de Caxias. Escassa documentação registra sua história, limitando-se a um documento de óbito de 1867 localizado por pesquisadores da UFMT. Recentemente, sua trajetória foi retratada em filme estrelado por Zezé Motta.

Jejé de Oyá: Símbolo de Resistência e Diversidade

José Jacintho Siqueira de Arruda, conhecido como Jejé de Oyá, exemplifica a resistência negra e LGBTQIAP+ mato-grossense. Alfaiate, colunista social e carnavalesco, ele se destacou em Cuiabá entre as décadas de 1950 e 1980, falecendo em 2016. A Assembleia Legislativa o reconheceu em 2017 como patrono do colunismo social mato-grossense. Desde 2020, seu nome designa prêmio que homenageia personalidades negras da região.

Zé Bolo Flô: Poeta das Ruas

José Inácio da Silva, o Zé Bolo Flô, perambulava pelas ruas de Cuiabá nos anos 1970 e 1980 vendendo bolos e flores enquanto compunha poesias. Sua obra, frequentemente trocada por alimento, reflete a criatividade de quem vivia à margem. Internado aos 50 anos no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, faleceu como indigente com registros fragmentados. Atualmente um parque estadual na região do Coxipó perpetua seu nome.

Construindo uma História Inclusiva

Para Bruno Rodrigues, reconhecer essas personalidades constrói uma narrativa histórica mais autêntica e representativa do povo brasileiro. Ele ressalta que não se trata de deslegitimar contribuições de outras etnias, mas democratizar o conhecimento sobre o passado, gerando sociedade mais tolerante, justa e democrática.

Diversos espaços de pesquisa e preservação aprofundam essas temáticas: o Programa de Pós-Graduação em História da UFMT, grupos de pesquisa como Epifan e Sankofa, além do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (Nepre) disponibilizam acervo sobre história afro-brasileira. Movimentos negros produziram publicações sobre culinária afro-brasileira, manifestações culturais como Festa de São Benedito e Congada, além de manter grupos de teatro e música.

Em Cuiabá, a Praça da Mandioca no Centro Histórico e o Centro Cultural Casa das Pretas funcionam como espaços de valorização. O Quilombo Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento, a cerca de 50 km da capital, integra complexo de comunidades quilombolas que preservam vivas essas tradições e histórias.